

Introdução

No filme "Sete Vidas", o protagonista, interpretado por Will Smith, busca mudar a vida de sete pessoas através da doação de seus próprios órgãos, em uma jornada de redenção pessoal. Fora das telas, esse ato de altruísmo reflete uma realidade desafiadora no Brasil, onde a doação de órgãos, apesar de sua importância vital, ainda enfrenta obstáculos significativos para sua efetivação em larga escala. Isso se deve, em grande parte, à falta de conscientização da população sobre a importância do tema, bem como às deficiências estruturais do sistema de saúde brasileiro para realizar os procedimentos necessários.

Desenvolvimento

D1: Falta de conscientização da população

Nesse contexto, vale ressaltar a falta de conscientização da população como fator primordial para a manutenção dos baixos índices de doação de órgãos no Brasil. A esse respeito, é oportuno rememorar o pensamento do filósofo Zygmunt Bauman, segundo o qual a sociedade contemporânea é marcada por relações líquidas e individualistas. Nesse sentido, a crítica do sociólogo pode ser evidenciada no cenário brasileiro, visto que, em razão do desconhecimento e de crenças infundadas, muitas pessoas se absterem de se tornarem doadoras. Por conseguinte, essa postura individualista resulta na escassez de órgãos disponíveis para transplante, o que, lamentavelmente, condena milhares de pacientes a uma angustiante espera nas filas. Logo, se a desinformação permanecer vigente, a sociedade terá de enfrentar um grave desafio: o aumento da mortalidade de pessoas que poderiam ser salvas por meio de um simples ato de altruísmo.

D2: Deficiências estruturais do sistema de saúde

Insta salientar, ademais, como as deficiências estruturais do sistema de saúde brasileiro agravam a problemática da doação de órgãos. Acerca disso, o médico e escritor Drauzio Varella defende que o Sistema Único de Saúde (SUS) é uma conquista da sociedade brasileira, mas que ainda enfrenta desafios significativos em sua implementação. Todavia, o pensamento do autor não é concretizado, visto que a falta de investimentos adequados e a má gestão dos recursos existentes resultam em hospitais mal equipados e equipes médicas insuficientes para realizar os procedimentos de captação e transplante de órgãos. Por conseguinte, mesmo quando há doadores disponíveis, a infraestrutura precária inviabiliza a efetivação do processo, desperdiçando oportunidades preciosas de salvar vidas. Desse modo,

é ilógico observar um país que espera alcançar o patamar de nação desenvolvida e ainda mantém um sistema de saúde incapaz de atender plenamente às demandas de transplantes.

Conclusão

Destarte, torna-se evidente que a baixa taxa de doação de órgãos no Brasil é um problema multifacetado que demanda ações conjuntas da sociedade e do poder público. Para mitigar essa questão, é imprescindível que o Ministério da Saúde, em parceria com organizações não governamentais, promova campanhas de conscientização massivas nas mídias sociais e veículos de comunicação, visando desmistificar o processo de doação e estimular a adesão da população. Paralelamente, cabe ao Governo Federal aumentar os investimentos no Sistema Único de Saúde, priorizando a capacitação de profissionais e a modernização da infraestrutura hospitalar para otimizar os procedimentos de captação e transplante. Somente assim, com uma população mais consciente e um sistema de saúde mais eficiente, o Brasil poderá superar esse desafio e proporcionar uma nova chance de vida a milhares de pessoas que aguardam ansiosamente por um transplante.

OU:

No filme "Sete Vidas", o protagonista doa seus órgãos para salvar sete pessoas, retratando um ato de altruísmo que, na realidade brasileira, enfrenta obstáculos significativos. Apesar de sua importância vital, a doação de órgãos no Brasil ainda não alcança níveis satisfatórios, principalmente devido à falta de conscientização da população e às deficiências estruturais do sistema de saúde.

A escassez de conscientização é um fator primordial para os baixos índices de doação. O sociólogo Zygmunt Bauman argumenta que a sociedade contemporânea é marcada por relações líquidas e individualistas, o que se reflete no cenário brasileiro. Dados da Associação Brasileira de Transplante de Órgãos mostram que em 2020, 44% das famílias recusaram a doação, muitas vezes por desconhecimento ou crenças infundadas. Essa postura individualista resulta na falta de órgãos disponíveis, condenando milhares de pacientes a uma angustiante espera. Assim, enquanto a desinformação persistir, o desafio do aumento da mortalidade de pessoas que poderiam ser salvas continuará.

Ademais, as deficiências estruturais do sistema de saúde agravam a problemática. O médico Drauzio Varella defende que o SUS, embora uma conquista, enfrenta desafios significativos. Essa realidade é evidenciada pela falta de investimentos adequados, que resulta em hospitais mal equipados e equipes médicas insuficientes para realizar os procedimentos de captação e transplante. Segundo o Ministério da Saúde, em 2019, apenas 559 hospitais brasileiros realizavam captação de órgãos, número insuficiente para um país continental. Dessa forma,

mesmo com doadores disponíveis, a infraestrutura precária inviabiliza o processo, desperdiçando oportunidades de salvar vidas.

Portanto, para mitigar essa questão multifacetada, é crucial que o Ministério da Saúde, em parceria com ONGs, promova campanhas de conscientização massivas, inspirando-se no modelo espanhol, que alcançou as maiores taxas de doação do mundo. Paralelamente, o Governo Federal deve aumentar os investimentos no SUS, priorizando a capacitação de profissionais e a modernização da infraestrutura hospitalar. Somente assim, com uma população mais consciente e um sistema de saúde eficiente, o Brasil poderá superar esse desafio, proporcionando uma nova chance de vida a milhares de pessoas que aguardam ansiosamente por um transplante.